



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
FALLA - FACULDADE DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA LETRAS-PORTUGUÊS**

**KELDYMA BRANDÃO DE SOUZA CORDEIRO**

**CULTURA, DIVERSIDADE E IDENTIDADE: UMA REFLEXÃO SOBRE OS POVOS  
INDÍGENAS NA OBRA ÓRFÃOS DE HAXIMU**

**CAMPINA GRANDE  
2024**

**KELDYMA BRANDÃO DE SOUZA CORDEIRO**

**CULTURA, DIVERSIDADE E IDENTIDADE: UMA REFLEXÃO SOBRE OS POVOS  
INDÍGENAS NA OBRA ÓRFÃOS DE HAXIMU**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado a/ao Coordenação /FALLA/ Curso  
Licenciatura em Letras da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de Graduada em Letras.

**Área de concentração:** Literatura Indígena.

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia de Souza Neves

**CAMPINA GRANDE  
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C794c Cordeiro, Keldyma Brandao de Souza.

Cultura, diversidade e identidade [manuscrito] : uma reflexão sobre os povos indígenas na obra Órfãos de Haximu / Keldyma Brandao de Souza Cordeiro. - 2024.

20 p.

Digitado. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2024. "Orientação : Profa. Dra. Ana Lúcia de Souza Neves, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."

1. Literatura indígena. 2. Yanomami. 3. Identidade. 4. Diversidade cultural. I. Título

21. ed. CDD 808

KELDYMA BRANDÃO DE SOUZA CORDEIRO

**CULTURA, DIVERSIDADE E IDENTIDADE: UMA REFLEXÃO SOBRE OS  
POVOS INDÍGENAS ATRAVÉS DA OBRA ÓRFÃOS DE HAXIMU**

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Artigo) apresentado a FALLA,  
Faculdade de Linguística, Letras e Artes,  
da Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção do  
título de Graduada em Letras Língua  
Portuguesa.

**Área de concentração:** Literatura.

Aprovada em: 28 / 06 / 2024.

**BANCA EXAMINADORA**

Ana Lúcia Maria de Souza Neves

Profa Dra Ana Lúcia de Souza Neves (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Amasile Coelho L. C. Sousa

Profa Dra Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa (Avaliadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Bruno Santos Melo

Prof Dr Bruno Santos Melo (Avaliador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico ao meu Deus por permitir esta construção, ao meu esposo por estar sempre comigo, aos meus familiares pelo apoio incondicional e a minha orientadora pelas grandes contribuições e por acreditar no meu potencial.

*Se quiser pegar minhas palavras, não as destrua. São as palavras de Omama e dos xapiri. Desenhe-as primeiro em peles de imagens, depois olhe sempre para elas. Você vai pensar: “Haixopë! É essa mesmo a história dos espíritos!”. E, mais tarde, dirá a seus filhos: “Estas palavras escritas são as de um Yanomami, que há muito tempo me contou como ele virou espírito e de que modo aprendeu a falar para defender a sua floresta*

*Davi Kopenawa*

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 ENTRE LETRAS E VIVÊNCIAS: A REPRESENTAÇÃO CULTURAL E SOCIAL DOS POVOS ORIGINÁRIOS NA OBRA ÓRFÃOS DE <i>HAXIMU</i> .....</b>	<b>10</b>
<b>3 TRILHANDO A IDENTIDADE: DE STUART HALL À CONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS.....</b>	<b>13</b>
<b>4 TEIAS DA DIVERSIDADE: OS YANOMAMI E O ESTRANGEIRO .....</b>	<b>15</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>19</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>20</b>

# CULTURA, DIVERSIDADE E IDENTIDADE: UMA REFLEXÃO SOBRE OS POVOS INDÍGENAS NA OBRA *ÓRFÃO DE HAXIMU*

Keldyma Brandão de Souza Cordeiro

## RESUMO

Neste artigo discutimos a representação do indígena no livro juvenil *Órfãos de Haximu* (2010), de Inês Daflon e Maria Lúcia Daflon, com ilustrações de João Caré. Na referida obra, ficção e realidade entrelaçam-se em referências ao povo Yanomami. O enredo apresenta a história do jovem Yanomami Daniel, separado da sua irmã gêmea Nape ao nascer, devido à prática cultural que, em caso de gêmeos, seleciona a criança mais forte e saudável para viver e condena à morte a mais frágil. Para salvar o filho, Philip Spenser foge levando o menino para Londres. Passados alguns anos, Daniel descobre que é um órfão de Haximu e que tem uma irmã. Ao terminar seus estudos, viaja para o Brasil para pesquisar um pouco mais sobre o seu passado e a respeito da cultura de onde teve origem. Este enredo entrelaça-se com fatos reais, como o Massacre de Haximu (1993), quando indígenas Yanomami foram mortos por garimpeiros e a disputa na reserva Raposa Serra do Sol. A análise da obra busca resposta para a seguinte questão: De que forma a obra *Órfãos de Haximu* aborda questões de identidade e diversidade cultural na representação dos povos indígenas? Para responder a tal pergunta nosso objetivo geral é analisar na obra selecionada a reprodução (ou subversão) das práticas culturais frente às questões de diversidade e identidade na luta dos povos originários pelos seus direitos. Como objetivos específicos, elencamos: 1) Relacionar os conceitos de cultura, identidade e diversidade à trama construída em "Órfãos de Haximu"; 2) analisar a obra a partir de um viés crítico, explorando os recursos de linguagem e temáticos. Metodologicamente, esta investigação trata-se de uma revisão bibliográfica, do tipo exploratória descritiva e o trabalho fundamenta-se em Graúna (2013), Munduruku (2020), Potiguara (2018), Silva (2012), Hall (2006), entre outros.

**Palavras-chave:** literatura indígena; Yanomami; identidade; diversidade cultural; Órfãos de Haximu.

## ABSTRACT

In this article we discuss the representation of indigenous people in the youth book *Órfãos de Haximu* (2010), by Inês Daflon and Maria Lúcia Daflon, with illustrations by João Caré. In said work, fiction and reality are intertwined in references to the Yanomami people. The plot presents the story of the young Yanomami Daniel, separated from his twin sister Nape at birth, due to the cultural practice that, in the case of twins, selects the strongest and healthiest child to live and condemns the weakest to death. To save his son, Philip Spenser runs away, taking the boy to London. After a few years, Daniel discovers that he is an orphan from Haximu and that he has a sister. Upon finishing his studies, he traveled to Brazil to research a little more about his past and the culture from which he originated. This plot is intertwined with real facts, such as the Haximu Massacre (1993), when Yanomami indigenous people were killed by miners and the dispute in the Raposa Serra do Sol reserve. The analysis of the work seeks an answer to the following question: How did the Does Orphans of Haximu address issues of identity and cultural diversity in the representation of indigenous peoples? To answer

this question, our general objective is to analyze in the selected work the reproduction (or subversion) of cultural practices in the face of issues of diversity and identity in the struggle of original peoples for their rights. As specific objectives, we list: 1) Relate the concepts of culture, identity and diversity to the plot constructed in "Orphans of Haximu"; 2) analyze the work from a critical perspective, exploring language and thematic resources. Methodologically, this investigation is a bibliographical review, of an exploratory and descriptive type and the work is based on Graúna (2013), Munduruku (2020), Potiguara (2018), Silva (2012), Hall (2006), among others.

**Keywords:** indigenous literature; Yanomami; identity; cultural diversity; Haximu Orphans.

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura é uma construção histórico-social articulada com as mudanças na sociedade a partir de reflexões críticas. Nesse sentido, os textos literários contemporâneos têm investido no diálogo entre ficção e fatos “reais”, problematizando ideias, crenças, ideais históricos e éticos a fim de contribuir para a constituição da episteme cultural coletiva. Segundo Graúna, no que diz respeito à literatura indígena:

[...] a literatura indígena contemporânea é um lugar utópico (de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas), ao longo dos mais de 500 anos de colonização. Enraizada nas origens, a literatura indígena contemporânea vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras e na recepção de um público-leitor diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo de poemas e prosas autóctones (Graúna, 2013, p. 15).

Desse modo, falta muito para se abordar sobre identidade e diversidade na literatura dos povos originários, pois o respeito aos indígenas não apenas reconhece a riqueza dessas expressões culturais, mas também fortalece a diversidade global, enriquecendo o mosaico humano.

Assim, estudar a literatura indígena torna-se essencial em todos os momentos, pois, através dela podemos ver avanços no aprendizado desse povo mesmo que de forma obrigatória em sala de aula, como determina a lei nº 11.645, de 10 de março de 2008:

Art. 1º O art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (Brasil, 2008)

De acordo com Graúna (2013), a reapropriação do espaço via memória possibilita a colocação do sujeito na sua própria história. A renomeação do seu lugar e da sua história significa reconstruir sua identidade, tomar posse de sua cultura; significa em última análise

resistir a uma violência epistêmica que, nas suas diversas formas e práticas, continua até o presente.

O respeito aos indígenas, marcado pelo reconhecimento da sua identidade, territorialidade e diversidade, é um imperativo ético e cultural que transcende fronteiras temporais. Ao longo da história, testemunhamos mudanças significativas nas atitudes em relação a esses povos, refletindo uma evolução na compreensão e valorização de suas ricas heranças. A identidade deles é intrinsecamente ligada à preservação de suas línguas, tradições e práticas culturais.

Cientes da situação dos povos originários na contemporaneidade, em especial dos povos Yanomami, interessamo-nos por ler o livro *Órfãos de Haximu* (2010), que trata de fatos históricos reais ficcionalizados, como o caso do massacre de *Haximu*, em 1993, quando foram assassinados 16 indígenas, entre crianças, adultos e idosos, por garimpeiros, na disputa por terras na reserva Raposa Serra do Sol, na cidade de Roraima.

Além disso, objetivamos também com o trabalho: 1) Identificar os elementos culturais e identitários presentes na obra "Órfãos de Haximu" que contribuem para a representação dos Yanomamis, 2) Analisar como a diversidade cultural do povo Yanomami é abordada na narrativa, considerando contextos históricos e contemporâneos.

Metodologicamente, este trabalho caracteriza-se como pesquisa exploratória e descritiva, centrado na análise da obra com a meta de refletir acerca dos aspectos culturais e identitários presentes na narrativa.

O trabalho estrutura-se a partir da introdução e três tópicos subsequentes: o primeiro intitulado: Entre letras e vivências: a representação cultural e social dos povos originários na obra *Órfãos de Haximu*. Segundo tópico: Trilhando a identidade: de Stuart Hall à construção dos personagens, no qual apresenta reflexões sobre a identidade dos personagens e, por fim, o terceiro tópico intitulado: Teias da diversidade: os Yanomami e o estrangeiro.

## **2 ENTRE LETRAS E VIVÊNCIAS: A REPRESENTAÇÃO CULTURAL E SOCIAL DOS POVOS ORIGINÁRIOS NA OBRA ÓRFÃOS DE HAXIMU**

A obra *Órfãos de Haximu* (2010) apresenta em seu enredo a história de Daniel, um órfão em busca das suas origens ancestrais. O personagem sempre demonstrou inquietude em relação ao passado, uma vez que se sentia deslocado no ambiente europeu onde vivia com o pai. No aniversário de 21 anos, o pai confessou-lhe que sua origem não estava na Inglaterra e sim no Brasil, era de uma ancestralidade indígena, filho de uma Yanomami de nome Yarima. Além disso, o jovem fica sabendo também que sua mãe foi assassinada em um massacre. A partir daí, com sua formação em antropologia, ele viaja para o Brasil para aprender sobre seu povo e seu passado, para que possa encontrar sua irmã gêmea, Nape, que foi separada dele quando nasceu.

Contudo, ele não contava com a exploração e as invasões territoriais que estavam acontecendo nesse período na região Norte do Brasil. Para lutar contra os assassinos do seu povo, Daniel decide se unir à comunidade *Yanomami* para lutar pelos direitos dos povos originários, estabelecendo um elo de conexão entre ele e sua irmã, que era uma das representantes do povo *Yanomami* em busca da liberdade territorial e proteção contra a invasão dos garimpos. Por fim, depois de serem sequestrados pelos garimpeiros, Daniel e Nape conseguiram sua liberdade e denunciaram as violências que a comunidade vinha sofrendo desde antes do massacre. Esta atitude corajosa levou a investigações sobre o massacre dos *Yanomamis* de 1993 (que foi analisado judicialmente e considerado um genocídio).

Assim, o livro *Órfãos de Haximu* retrata a violência que muitos indígenas vivenciaram desde o período colonial imposto pela Europa. Segundo Potiguara (2019), as invasões europeias ao continente americano a partir do século XVI resultaram no extermínio de muitos deles. Na atualidade, as violências contra os territórios ancestrais e a imposição de migrações

compulsórias figuram entre os motivos de muitos problemas vivenciados por esses povos, desintegração familiar, distúrbios de saúde mental, incidência de violência interpessoal, casos de suicídio, uso abusivo de substâncias, retraimento social e uma reduzida autoestima.

No Brasil, a situação de invasão, de não reconhecimento e de exploração é constante em relação aos povos originários, como por exemplo, o povo *Krahô-Kanela*, com aproximadamente 160 indígenas, que sofrem com o não reconhecimento total de seu território, residindo em *Lankraré* e *Catàmjê*, entre os rios Formoso e Javaés, Tocantins, enfrentam desafios devido ao desmatamento, incêndios e a um projeto de irrigação com agrotóxicos, resultando na seca dos rios (Agro e Fogo, 2022).<sup>1</sup>

Muitos povos lutam por sua territorialidade resistindo ao manter a sua identidade. De acordo com Silva (2012), os *Omágua*<sup>2</sup> apresentam características peculiares que se desenvolveram no processo de luta por território e essa identidade étnica apresenta um fator importante nesse trabalho, que é a memória, uma vez que articula o passado com o presente, sendo também um aspecto integrante da mobilização para alcançar seus direitos.

Com relação aos povos *Yanomami*, a luta e a resistência se intensificaram a partir de 1973 frente aos invasores das suas terras em busca de cassiterita. Em 1989, já se estimava a presença de 50.000 garimpeiros espalhados pelas terras principais dos *Yanomami*, trazendo muitas doenças contagiosas, como malária, sarampo, coqueluche, doenças sexualmente transmissíveis, leishmaniose e outras. Esses acontecimentos levaram a epidemias alarmantes e a um grande desequilíbrio da população, além do massacre dos Haximu pela apropriação de terras e a busca incessante das riquezas naturais. Segundo Daflon (2010), mesmo com tantos problemas os indígenas ainda sofrem invasões, grilagem e o uso indevido de riquezas, pelo fato de ainda existir o preconceito, eles perdem casa vez mais terras.

O livro inicia-se pelo capítulo denominado “Introdução”, que representa um prefácio à obra *Haximu*, escrita pelo personagem Daniel. Este prefácio, de onde retiramos o trecho acima, é escrito por Nape, irmã de Daniel. Nas palavras da personagem identificamos a denúncia aos abusos que os indígenas sofrem. Não há um tom de vitimização, mas de denúncia, que marca toda a obra.

Além da denúncia, uma outra marca do livro é a presença de aspectos culturais e interculturais. Já no primeiro capítulo, intitulado “Eu, índio”, encontramos na fala do personagem Daniel muitas referências à cultura brasileira indígena e não indígena:

Foi simpática a repecção preparada por meu pai e Doris Woolf na ocasião dos meu 21 anos. Amigos e parentes compareceram em peso e, juntos, nos divertimos muito. Meu pai, Philip Spenser, havia passado uma temporada no Brasil e fez questão de decorar a casa com motivos brasileiros. Tocamos nossos CDs de samba, bossa-nova e aqueles ritmos nordestinos que ainda não sei diferenciar... À mesa, a comida também era inspirada na culinária do Brasil.

O clima de festa exótica tinha ainda outra razão de ser. Eu mesmo também estivera no Brasil em um momento muito importante da minha vida: meu nascimento. E, apesar de ter partido para a Inglaterra ainda bebê, cresci ouvindo histórias sobre meus país de origem, especialmente sobre a Amazônia, onde fica meu estado natal. (Daflon, 2010, p. 14)

A passagem destacada refere-se ao aniversário de Daniel, que atinge a maioridade e passa a querer saber mais sobre sua verdadeira origem:

<sup>1</sup> Agro é fogo: um dossiê sobre grilagem, desmatamento e incêndios na Amazônia, Cerrado e Pantanal.

<sup>2</sup> Os omáguas foram e são habitantes da região do Alto Solimões no Amazonas, onde se localizavam os territórios de Aparia, constituíam uma tribo de índios que vivia na zona de várzea nas proximidades da atual cidade de Tefé, no estado do Amazonas, no Brasil.

Depois que todos se foram, ficamos nós três, Doris, meu pai e eu, ainda a conversar enquanto recolhíamos a louça. O clima festivo foi se alterando enquanto a casa retomava os ares do dia a dia. Meu pai ainda falava sobre a festa, mas eu já pensava em tocar num assunto que é para mim sempre fora velado:

- Pai, estou pensando naquela viagem. Você sabe... Ele demonstrou certo nervosismo, mas, sabendo que precisava conformar-se, respondi com um sorriso meio sem graça:

- É, eu sabia que esse dia iria chegar.

- Preciso conhecer o lugar onde nasci, e, acima de tudo, pai, preciso saber mais sobre minha mãe.

Ele franziu as sobrancelhas:

- Tudo bem, Daniel, eu entendo. Sabia que isso viria à tona um dia. Esse assunto ainda me atormentava, mas devo admitir que você já está pronto para saber toda a verdade. (Daflon, 2010, p. 14)

De acordo com Hall (2016, p. 19), “Cultura” é um dos conceitos mais complexos das ciências humanas e sociais, e há várias maneiras de precisá-lo. Nas definições tradicionais do termo, “cultura” é visto como algo que engloba “o que de melhor foi pensado e dito” numa sociedade. Na obra *Órfãos de Haximu*, através da ficção, são apresentadas situações cotidianas do povo *Yanomami*, expondo crenças e costumes diferentes das pessoas não indígenas, a começar pela forma de adentrar o meio social deles para conviver, isso é visto na passagem em que o Dr. Spenser, o pai do personagem principal, passa a conviver com eles.

Ela o despiu enquanto repetia a palavra *shami*. Completamente nu foi conduzido pela índia até à beira do rio. Meu pai conseguiu entender que *shami* significava sujo. Estava realmente sujo e precisava lavar-se. Depois do banho, novamente acompanhou e Yarima. Ela o conduziu ao *Shabono*, onde pintou-lhe o rosto e o corpo com corantes vegetais. Os adereços vieram logo em seguida, nos punhos, nas pernas e na cabeça. Meu pai logo compreendeu que a cantoria daquela noite seria uma espécie de “batizado” e que sua posição poderia ser social podia mudar. A verdade é que alguns povos indígenas têm o costume de capturar pessoas de outras etnias e levá-las para viver em sua comunidade (Daflon, 2010, p. 22).

Ainda segundo Hall (2016, p. 19), em um contexto mais próximo das ciências sociais, a palavra “cultura” passou a ser utilizada para se referir a tudo o que seja característico sobre o “modo de vida” de um povo, de uma comunidade, de uma nação ou de um grupo social. Por outro lado, a palavra também passou a ser utilizada para descrever os “valores compartilhados” de um grupo ou de uma sociedade.

Na ficção estudada são apresentados fatos e costumes reais do povo yanomami, um deles é o fato de “[...] não haver regras definidas de conduta social. O bem da comunidade sempre fala mais alto e, assim como o problema de um é problema de todos, a felicidade de um é a felicidade de todos. Também não há laços eternos de relacionamento ou nada que se compare à instituição do casamento” (Daflon, 2010, p. 23).

O enredo do livro é desencadeado a partir de uma situação cotidiana do povo Yanomami bastante peculiar, que diz respeito ao nascimento de gêmeos e à conduta das suas vidas na comunidade:

Minha mãe foi assistida por outras mulheres na hora do parto. Nesse momento elas procuraram um lugar fora do *Shabono* e os homens não participam de nada. O doutor Spenser só podia esperar. Foi chamado ao fim de algum tempo e confirmou o nascimento dos gêmeos, um menino e uma menina. Logo que se aproximou da mulher após o parto, meu pai deparou-se com a cena da menina a sugar com vontade o seio da mãe. Na cultura e Yanomami, esse gesto significa a aceitação do bebê pela família consequentemente pelo clã. Eu, por outro lado, encontrava-me no chão sob uma cama de folhas a berrar desesperado. Meu pai olhava tudo apreensivo. Gêmeos são uma dificuldade para mãe, e eu, para piorar nascera bem menor do que minha irmã. Meu pai disse a ela que a ajudaria, que o branco também ajuda a mulher na criação dos

filhos. Disse-lhe que seria forte e nada faltaria a família. Além do pedido do meu pai, minha sorte mudou justamente por eu ter, os Yanomami valorizavam os bebês do sexo masculino. Ela, no entanto, mostrava-se irredutível e simplesmente passou a me rejeitar, negando-me o peito. Disse a meu pai que me levasse para floresta e que me deixasse por lá. Sem acordo, meu pai decidiu partir comigo (Daflon, 2010, p. 25-27).

O infanticídio relatado no enredo do livro aparece para as sociedades ocidentais cristãs como uma prática monstruosa, mas na obra é mostrado a partir de uma tradição cultural que ocorre não de maneira gratuita ou desumana, mas quando um dos filhos nasce com algum tipo de deficiência que pode dificultar o convívio ou atrapalhar toda comunidade.

A princípio, a comunidade do shabono tachou meus pais de insensatos. A criança aceita é responsabilidade de todos e eu, nos primeiros meses de vida, já me mostrava frágil. Enquanto minha irmã se desenvolvia normalmente, eu tinha resfriados constantes e picos de febre. Vivía de nariz entupido e tinha dificuldades para mamar e dormir. Meus berros no meio da noite atormentavam a todos. Era obrigação de meus pais notar que eu era fraquinho e evitar que minha sobrevivência se tornasse um peso para a comunidade. Mas o fato é que eu estava ali, lutando para me manter vivo. Meu pai temia por meu futuro e, segundo me contou, dormia sempre ao meu lado, despertando a todo momento com qualquer ruído ou movimento. (Daflon, 2010, p. 26)

Por fim, Hall (2016, p. 19-20) diz que, basicamente, a cultura diz respeito à produção e ao intercâmbio de sentidos: “compartilhamento de significados” – entre os membros de uma sociedade. Na obra, a conduta de alguns costumes é acrescentada ao povo Yanomami após o contato com o “branco”, como relata o narrador da obra na página 23. A experiência de aproximação com o homem branco incorporou-se às narrativas e a lida diária:

O tempo passava e meu pai já se sentia adaptado ao dia a dia da aldeia. Os yanomami adoram a vida comunitária e familiar. Antes do contato com os brancos, que os atraíram com facões e utensílios de cozinha, grupos de Yanomami da Serra do Parima já foram numerosos. Com a invasão de garimpeiros, muitas dessas comunidades foram exterminadas por doenças como sarampo, malária e gripe. A experiência de aproximação com o homem branco incorporou-se à mitologia e eles começaram a contar histórias sobre homens e mulheres que, após a criação, se separaram dos primeiros Yanomami e desaprenderam a lidar com a natureza. Para poder sobreviver, esses homens começaram a inventar máquinas na tentativa de dominar a vida. Pensando sobre essas coisas, meu pai afinal compreendeu que deveria deixá-los em paz e voltar à base da missão. (Daflon, 2010, p. 23)

Sendo assim, observamos que os costumes dos povos originários se mantiveram ao longo do tempo, mas foram acrescentados costumes do homem branco, construindo uma nova identidade, a seguir veremos mais sobre a construção desta identidade à luz da teoria de Hall.

### **3 TRILHANDO A IDENTIDADE: DE STUART HALL À CONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS**

Os povos Yanomami estão situados nos limítrofes do Brasil e República Boliviana da Venezuela, sendo subdivididos em quatro grupos linguísticos: *Yanomami*, *Yanomam*, *Sanumá* e *Ninam*.<sup>3</sup>

A terra indígena Yanomami no Brasil está compreendida entre a grande região montanhosa do Maciço das Guianas, divisor de águas entre as bacias dos rios Orinoco e

<sup>3</sup> Fonte consultada: Pibsocioambiental. <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yanomami>

Amazonas. No Brasil, os Yanomami estão espalhados numa terra contínua de 9.664.975 hectares, homologada em 25 de maio de 1992. (Pib Socioambiental, 2023).

Os povos originários possuem uma identidade moldada a partir de suas crenças e costumes que os tornam diferentes uns dos outros, mesmo sendo todos indígenas, cada comunidade apresenta-se de uma forma diferente. Um exemplo claro disso são os grafismos que cada povo revela; enquanto os povos Kurã Bakairi usam artefatos que remetem ao mundo espiritual, principalmente nos trançados, para espiritualizar as coisas materiais e materializar as coisas espirituais, as mulheres do povo Guarani Kaiowa são responsáveis pela produção das bebidas que são usadas em cerimônias importantes para comunidade (Pib Socioambiental, 2023).

Cada povo tem sua identidade única que se molda a partir de acontecimentos e vivências. Segundo Hall (2006), existem três concepções de identidade: o do sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

O sujeito do iluminismo baseava-se numa concepção de pessoa centrada, unificada, seu centro consistia em um núcleo interior, que surgia no nascimento e desenvolvia-se à medida que crescia, mesmo que parecesse essencialmente o mesmo, ou seja, a essência do eu era a identidade dele; sendo uma concepção individualista, pois o sujeito do iluminismo era representado como um ser masculino.

A noção de sujeito sociológico refletia a complexidade do mundo moderno e o interior do sujeito, que não tinha como ser autônomo e autossuficiente. Baseava-se na relação com outras pessoas que fossem importantes para ele, dividindo com o sujeito os valores, sentidos e símbolos, além da cultura do mundo onde vivia, ou seja, para a identidade ser moldada, seria necessário a interação do eu com a sociedade; assim, o sujeito ainda teria um núcleo, mas modificado e formado pelas culturas e identidades que os mundos reservam.

O sujeito pós-moderno moldou-se e passou a assumir qualquer identidade em momentos diferentes que não se unem exclusivamente a um eu coerente, pois a identidade de cada um pode levar a lugares que não se espera, como nessa passagem da obra que mostra a evolução dos sujeitos desde o primeiro estágio, até o último.

Os dois homens, porém, seguiram com meu pai até aeronave e, lá chegando, forçaram-no a embarcar e alçar voo imediatamente em direção ao Pico da Neblina.

Surpreendido e intimidado, meu pai nada pode fazer e deixou para trás o amigo doente. Após um tempo de voo, Uuwa indicou um ponto à direita e meu pai entendeu que ali havia uma área de pouso.

Após o pouso alguns índios se aproximaram do monomotor e, em semicírculo, puseram-se a gritar, ordenando que os viajantes deixassem aeronave. Eram guerreiros Yanomami e estavam armados.

Dia após dia, percorria os leitos dos doentes e os acompanhava em sua convalescença. Acostumou-se a ouvir a cantoria e era como se seus batimentos cardíacos já pudessem acompanhar aquele ritmo.

Não sabia quando poderia ir embora, talvez o mantivessem prisioneiro para o resto da vida. Porém, mesmo privado de liberdade e forçado a adotar os hábitos e costumes daquele povo, sentia-se feliz por estar vivo.

O tempo passou e os índios já gozavam de boa saúde. Meu pai não era mais vigiado e podia ter partido, se quisesse. Mas resolveu ficar.

Os índios, por sua vez, pareciam não se importar com sua presença, desde que ele se adequasse ao cotidiano e continuasse a cumprir suas tarefas determinadas. (Daflon, 2010, p. 19-22)

Os personagens indígenas na obra em estudo, principalmente os gêmeos Daniel e Nape, têm suas identidades marcadas por uma infinidade de acontecimentos que fizeram com que agissem e pensassem não apenas como um nativo, mas também influenciados pela cultura do “homem branco”. Mesmo com toda dor causada, com guerras, genocídio, prostituição,

garimpo; os irmãos indígenas se mostram propícios a conviver em determinadas situações com os não indígenas. Cada um deles tinham sua marca que foi moldada a partir de suas vivências.

A identidade plenamente unificada, completa, segura, e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que o sistema de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao mesmo temporariamente (Hall, 2006, p.13).

Na obra, a comunidade Yanomami, pela necessidade, deixou pessoas que não eram da comunidade entrassem, mesmo que de forma restrita, sendo observados e fazendo tarefas específicas. Nela é retratado conhecimentos sobre os indígenas, sobre suas decisões em relação a comunidade; tarefas, brincadeiras, costumes passados e presentes, festas e rituais, objetos ancestrais e cotidiano. Apresenta também os personagens que se tornaram uma chave importante para trama dar certo.

Nesse contexto da obra, quem são Daniel e Nape?

- Sim, essa é Yarima, sua mãe. Uma Yanomami. Você nasceu no entorno da Serra do Parima, na fronteira com a Venezuela. Foi registrado em São Gabriel da Cachoeira, mas nasceu numa aldeia indígena, em Roraima. Não contei porque meu envolvimento com Yarima sempre foi um problema de consciência para mim. Embora meu contato com os Yanomami não tenha dado diretamente pelo meu trabalho na missão, eu sabia que não devia me envolver com os indígenas.

- Então, por que se envolveu? - Perguntei.

- Aconteceu! Você nasceu dessa história e hoje estamos aqui. Os problemas ficam no passado, somos felizes, somos uma família!

Estávamos emocionados. Eu não sabia o que dizer. Meu pai me abraçou e chorou. Nunca o vira assim. Deixei-o desabafar, mas logo desvencilhei-me de seus braços num gesto que ele entendeu como nova cobrança. Ele se recompôs e disse que ainda havia mais, e que eu não precisava me preocupar, iria até o fim. Contou-me então sobre uma irmã gêmea, criada por minha mãe até sua morte. Órfã aos 10 anos, minha irmã foi encaminhada a uma instituição que abrigava crianças indígenas em situação de risco. É claro que eu quis saber como minha mãe morreu e a resposta causou-me mais um sobressalto:

- Sua mãe morreu no Massacre de Haximu! (Daflon, 2010, p. 17)

Nos excertos, a origem dos irmãos indígenas é relatada pelo pai dos personagens, um homem branco que assim como em obras indianistas, a exemplo de *Iracema*, do século XIX, invade o espaço indígena em uma condição de superioridade, é o missionário. Além disso, há referências aos indígenas como sujeitos essenciais, fixos, presos ao passado, habitando naturalmente determinados lugares – a mata, a floresta, a oca, a taba. É importante registrar que o livro *Órfão de Haximu* tem em comum com as obras do século XIX também o fato de ser escrita pelo não indígena.

Apesar dessa aproximação com a tradição indianista, a narrativa em estudo não fica presa apenas à idealização do indígena, genérica e investida de atributos românticos, pois inclui no enredo o cotidiano histórico e diverso dos Yanomami.

#### **4 TEIAS DA DIVERSIDADE: OS YANOMAMI E O ESTRANGEIRO**

A diversidade está entrelaçada com a sociedade, na qual é necessário que os vários tipos de pessoas existam e, em conjunto, problemas, discussões e uma gama de opiniões controversas. Mas a concepção de diversidade depende muito do assunto que se fala e o público ao qual está sendo levado em consideração. A cultura de cada povo é o que faz transformar a diversidade em algo palpável, assim como a identidade de um grupo se torna única por ter uma marca exclusiva. Como diz a Unesco:

A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras. (Unesco, 2002, p. 3).

Segundo Lira (2018), o conceito de cultura se liga à existência de uma ancestralidade, pois o modo como se vive é uma construção sócio-histórica, iniciada por antepassados que, ao chegarem a um lugar e diante das condições naturais e materiais, criaram um jeito próprio de produzir a vida/existência. Sendo assim, uma das representações culturais que está presente no livro é retratar a cultura dos povos Yanomami e o seu local de moradia. Além de retratar o quanto o povo sofreu com o massacre e o quão foi difícil se reerguer em meio a tantas complicações envolvendo a invasão de suas terras para o garimpo.

Horas depois, já na aldeia e após medicar os doentes, meu pai acompanhou a cantoria de xamãs e guerreiros no centro do shabono - uma espécie de habitação circular coletiva, construída em torno de uma ampla área central. Ficou impressionado com os enormes arcos de quase dois metros e chegou a tremer de medo ao ver aqueles homens em trase, com nacos de folhas verdes entre os dentes e o lábio inferior.

Os Yanomami adoram a vida comunitária e familiar. Antes do contato com os brancos, que os atraíram cin facões e utensílios de cozinha, grupos de Yanomami da Serra do Parima já foram numerosos. Com a invasão de garimpeiros, muitas dessas comunidades foram exterminadas por doenças como sarampo, malária e gripe. (Daflon, 2010, p. 20-23)

Em uma das passagens do livro, quando o pai resolve contar para o seu filho como foi sua vida na comunidade indígena, relatando como conheceu o Shabono: “Horas depois, já na aldeia e após medicar os doentes, meu pai acompanhou a cantoria de xamãs e guerreiros no centro do Shabono - uma espécie de habitação circular coletiva, construída em torno de uma ampla área central” (Daflon, 2010).

A estrutura física assemelha-se a fortificações, no interior das quais cada família Yanomami organiza e habita seu espaço – casa ou lar – a fim de se proteger das intempéries da natureza, bem como de seres humanos e animais ferozes vivos, mas também dos mortos (fantasmas) (Lira, 2018).

A moradia é um símbolo muito relevante em relação à cultura de cada povo indígena, uma vez que cada comunidade tem suas moradias com estruturas e organizações diferentes, enfatizando sua diversidade.

Segundo Munduruku (2020), existem povos que não têm aldeia fixa. Eles constroem suas casas de acordo com as suas necessidades e, dependendo da estação do ano, podem construir em um ou em outro lugar. O grupo Pirahã é um desses grupos que não possuem aldeias fixas. O povo Mawé (Saterê), que vive no Amazonas, chama sua aldeia de vila. Como eles tiveram muito contato com os não indígenas, organizaram sua aldeia de forma muito parecida com uma cidade. O povo Xavante, do Mato Grosso, constrói sua aldeia em forma de ferradura. No centro dela, há um pátio, no qual eles organizam as principais cerimônias, os jogos e as brincadeiras. O povo Munduruku tem sua aldeia organizada em fileiras de casas. Entre as casas, há um pátio onde as crianças podem brincar livremente. Como se trata de um povo que tem na pesca seu principal sustento, a aldeia está construída bem próxima ao rio.

Outra construção cultural muito importante é sobre o ritual de batismo para fazer parte de uma comunidade indígena. Em *Órfãos de Haximu* isso é relatado por meio do momento em

que o Dr. Spenser se sente acolhido pela indígena Yarima, que no futuro seria sua esposa. Um dia, se aproximou dele para prepara-lo para uma espécie de ritual:

Ela o despiu, enquanto repetia a palavra Shami. Completamente nú, foi conduzido pela índia até a beira do rio. Meu pai conseguiu entender que Shami significava sujo. Depois do banho, ela o conduziu até o shabono, onde pintou-lhe o rosto e o corpo com corantes vegetais. Os adereços vieram logo em seguida, nos punhos, nas pernas e na cabeça. Meu pai logo compreendeu que a cantoria daquela noite seria uma espécie de “batizado” e que sua posição social iria mudar. O tempo passou e os índios já gozavam de boa saúde. Meu pai, não era mais vigiado e poderia ter partido se quisesse (Daflon, 2010).

Em outras culturas encontramos esse batismo de uma forma parecida, mas com suas peculiaridades como no povo Krahô, segundo Guimarães e Medeiros (2016), o ritual de batismo passa pela anúncio de um ancião, que em meio a cânticos apresenta o “Ipãntu<sup>4</sup>”, com seu nome Krahô,<sup>5</sup> a toda a aldeia reunida no pátio central. A ritualística e a forte vivência do acolhimento pela família, com a qual se passa a viver (alimento, moradia, afetividade), e que não se restringe a aquela aldeia, mas a todo povo Krahô das outras aldeias que reconhecem aquele ato. O “Ipãntu” a partir disso será acolhido por seus parentes nas demais aldeias e, se não houver, por qualquer “Mehi<sup>6</sup>”.

A importância das mulheres entre os povos originários também é uma questão relevante para mostrar parte desta estrutura social dentro da diversidade indígena. No enredo da narrativa de *Órfãos de Haximu*, são relatadas as tarefas das mulheres indígenas por meio da visão de Dr. Spenser sobre o que percebeu ao observar sua mulher na comunidade Yanomami:

Yarima tinha diversas tarefas na comunidade. Seus pais haviam morrido quando ela ainda era menina e sua condição de órfã a colocava em uma posição social inferior. Além de preparar ervas, tinturas e indumentárias para os rituais, ela também recebeu a função de ajudar o Dr. com os doentes. (Daflon, 2010).

As mulheres Yanomami têm trabalhos completamente diferente dos homens, pois cuidam das atividades que, além de serem vistas como mais simples, precisam de detalhes para serem realizadas. Segundo Barazal (2001), elas conservam uma parte da memória afetiva, porém, não participam das conversas durante o ritual, apenas se aproximam dos maridos para lembrar os assuntos que serão tratados, ou seja, exercem uma função indireta. Os Yanomami recebem mensagens por meio de sonhos que são considerados presságios, tendo como tratamento realizar simpatias para afastar aqueles que são considerados maus.

Em outras comunidades indígenas cada mulher tem um papel a ser exercido; temos, como exemplo, o povo tupi:

Os serviços domésticos cabiam exclusivamente às mulheres: deviam cuidar do arranjo do seu lar, o que consistia, segundo alguns cronistas, em fazer comida, manter acesos os dois fogos que ficavam ao lado da rede do chefe da família, e tratar do abastecimento de água. Nas cauinagens, ultimavam a preparação das bebidas, aquecendo-as ao fogo, e serviam-nas em pequenas cuias de côco. Entre os trabalhos domésticos, também estaria a lavagem das redes. Como padrão higiênico, deve ser mencionado o catamento de piolhos, que faziam nos homens e nas outras mulheres. No parto, as mulheres entreajudavam-se. Todos os serviços relativos aos transportes eram feitos pelas mulheres. Elas carregavam os filhos e todo o equipamento, pois os

<sup>4</sup> Nome dado ao batizado de um não indígena que ganha essa nomenclatura ao entrar na comunidade.

<sup>5</sup> Nome da família ao qual o não indígena fará parte que estabeleceria relações de consideração e compromisso.

<sup>6</sup> Indígena.

homens precisavam ficar livres para se defenderem a si próprios e às famílias. Somente no período de gravidez evitavam os fardos muito pesados e as atividades árduas. A depilação e a tatuagem dos homens pertencentes ao próprio lar cabiam às mulheres que o constituíam. As companheiras ou parentes faziam-nas reciprocamente umas às outras. Participavam das expedições guerreiras, ajuntando-se em grande número aos guerreiros. Transportavam as rédes e os víveres, preparavam as refeições, tratavam do abastecimento de água, e armavam as rédes. Gandavo acrescenta as atividades das mulheres na guerra, a obrigação das velhas recolherem as flechas para os guerreiros. (Fernandes, 1963, p. 132)

Segundo Fernandes (1963), os papéis daqueles que ocupavam a comunidade eram igualmente importantes. A mulher, por exemplo, tinha o papel de domesticar aves, cachorros, galinhas e adestrar papagaios. Os afazeres domésticos eram exclusivamente delas, deviam cuidar do arranjo do seu lar, como fazer comida, tratar do abastecimento de água, entre outras coisas do interior.

É importante salientar o quanto o papel da mulher é importante dentro de cada comunidade indígena, uma vez que, elas exercem um trabalho essencial para o funcionamento da comunidade. Nota-se que cada grupo pode ter costumes, cultura e muita diversidade inserida no seu dia a dia, seja como são feitos os rituais ou como eles se comportam dentro do shabono. Em muitos desses aldeamentos, a mulher está muito envolvida na agricultura e na manutenção da casa, além de ser o apoio do seu esposo. Elas se preocupam muito em ter um bom desenvolvimento artístico para trazer mais diversidade aos utensílios que serão usados no dia a dia, além da educação e o cuidado com a crianças, sem contar com a participação indireta das decisões tomadas no ambiente.

Infelizmente, as mulheres sofrem com o infanticídio. Na obra, essa realidade é retratada na seguinte passagem “a mulher decide se seu filho deve viver ou morrer e ninguém interfere em sua decisão. As razões para o infanticídio são diversas. Se nascem gêmeos, um pode morrer. Se uma criança nasce com deficiência ou se o sexo é indesejado, ela também pode ser sacrificada” (Daflon, p. 24).

Na cultura Yanomami o infanticídio é muito comum, pois cabe a mãe decidir se a criança pode nascer ou não, principalmente a mãe que tem que julgar se mantê-las não trará risco a existência dos demais do grupo. Por este motivo, o infanticídio é aceito como uma prática que pode ser realizada na sociedade deles:

No caso dos Yanomami, dentro da lógica de um ambiente de floresta em que o grupo tinha ou tem que se deslocar temporariamente, as atividades produtivas sob a responsabilidade da mulher, indispensáveis para manutenção/reprodução do grupo, agregando a crença de que a mãe não teria leite suficiente para alimentar as duas crianças, o sacrifício é socialmente aceito. Nesta sociedade, o cuidado de filhos gêmeos torna-se impossível e a mãe tem de abrir mão de um dos neonatos. Dentro dessa mesma lógica, justificava-se o sacrifício de crianças portadoras de deficiências físicas, assim como crianças nascidas num intervalo de tempo relativamente curto. Como mantê-las sem colocar em risco a existência dos demais. Em outros grupos, podemos agregar questões de ordem mais cosmológicas em que o não sacrifício, como o caso de crianças com problemas físicos e mentais, provocaria infortúnios das mais diversas ordens. Esse interdito de vida é algo privado, não precisa ser anunciado, há um consenso do grupo sobre o que deve acontecer com o neonato. O interdito, portanto, é uma norma social. (Cirino, 2018)

Na obra é retratada uma característica específica sobre como é decidido qual bebê fica vivo no caso de gêmeos. Segundo Daflon (2010), o bebê que sugar avidamente o seio da mãe, na cultura Yanomami, significa aceitação do bebê pela família e, por consequência, aceitação do clã, principalmente pelo fato do nascimento de gêmeos trazer uma complicação para mãe e

mantê-la mais sobrecarregada. Além disso, esse povo valoriza muito a criança do sexo masculino, desde que ela nasça saudável e sem complicações físicas.

É necessário salientar que o infanticídio acontece normalmente em algumas comunidades indígenas a cargo de seus costumes. Se realmente um parto de gêmeos gerar uma criança que trará de alguma forma dificuldade para os outros membros do grupo, a mãe terá que escolher qual filho permanecerá vivo, uma vez que, isso é um costume passado de geração em geração.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura é importante como ferramenta de reflexão e transformação social, pois através de suas narrativas, problematiza ideias, crenças, e valores éticos e históricos, contribuindo significativamente para a formação da episteme cultural coletiva. Quando se trata de literatura indígena é fundamental valorizar as diversas identidades culturais dos povos originários. Além disso, é muito importante na sala de aula uma vez que apresenta, conforme estabelecido pela Lei nº 11.645/2008, a inclusão obrigatória para resgatar as contribuições significativas dos povos africanos e indígenas na formação do Brasil.

Este trabalho teve por objetivo identificar e analisar elementos culturais e identitários presentes na obra *Órfãos de Haximu*, a fim de verificar se a representação cultural do povo Yanomami é apresentada como uma identidade genérica e investida de atributos românticos, como condição natural, presa ao passado, marcada pela ausência de civilidade, de maturidade, de cientificidade, de vontade, de apego a afirmações etnocêntricas, ou como uma prática histórica e social.

A análise da obra mostrou que se trata de uma narrativa escrita por autoras não indígenas que segue na esteira da tradição indianista, por meio da qual os indígenas são descritos por um olhar de fora da cultura dos originários. O enredo interliga a busca pessoal de Daniel por suas raízes ancestrais com a realidade brutal enfrentada pelos povos indígenas, especificamente os Yanomami, no Brasil. No entanto, a história, ao acompanhar Daniel desde a descoberta de sua origem até sua imersão na luta pelos direitos e preservação dos Yanomami, oferece uma profunda reflexão sobre identidade, memória e resistência.

O livro integra fatos históricos e dados reais, como o massacre de Haximu em 1993, considerado genocídio. A inclusão desses eventos históricos enriquece a narrativa, oferecendo uma perspectiva realista sobre a situação dos povos indígenas no Brasil. Além da trama central, a obra de Daflon (2010) mergulha na cultura Yanomami, apresentando suas práticas sociais e costumes. A narrativa detalha rituais, como o "batizado" que Dr. Spenser experimenta, e práticas relacionadas ao nascimento de gêmeos, demonstrando o contraste entre as normas sociais indígenas e aquelas do mundo não indígena. Esses elementos culturais são apresentados de maneira que convidam o leitor a refletir sobre a diversidade cultural e a complexidade das interações entre diferentes modos de vida.

A obra também destaca o papel das mulheres nas comunidades indígenas, através das funções exercidas por Yarima, que são fundamentais. As mulheres são responsáveis pela agricultura, coleta, preparação de alimentos, e muitas outras atividades vitais, além de manterem a memória afetiva e cultural da comunidade. A divisão do trabalho baseada no sexo e na idade demonstra a organização social intrínseca a cada grupo indígena.

Após explorar a visão sobre a cultura expressa por Stuart Hall (2016), é observado que os Yanomami mantêm seus costumes ao mesmo tempo em que incorporam novos elementos após o contato com os não indígenas. Sendo assim, Hall contribui com a teoria das identidades, que evoluem do sujeito iluminista centrado e unificado, passando pelo sujeito sociológico moldado pela interação social, até o sujeito pós-moderno, cuja identidade é fluida e multifacetada. Esse intercâmbio cultural é visto na narrativa como um processo de construção de uma nova identidade, que preserva a essência dos Yanomami enquanto se adapta às novas realidades

impostas pelo contato com o mundo exterior. Isso permite mostrar que a convivência com os não indígenas também traz à tona a questão da modernização. Muitas comunidades indígenas hoje utilizam tecnologias, como internet e celulares, o que facilita a comunicação e a visibilidade de suas culturas nas redes sociais. No entanto, essa modernização não significa a perda de identidade, mas sim uma adaptação que fortalece sua resistência e autonomia.

Sendo assim, a cultura é uma construção sócio-histórica iniciada pelos antepassados e continuamente transformada pelas condições naturais e materiais do ambiente. A estrutura física das moradias Yanomami, como os Shabonos<sup>7</sup>, ilustra a adaptação ao meio ambiente e a organização social de cada família dentro da comunidade. As moradias simbolizam a resistência e a identidade cultural dos povos indígenas, sendo elementos cruciais para sua sobrevivência. A diversidade de práticas culturais, como as descritas para os povos Yanomami, Krahô, e outras tribos, sublinha a riqueza cultural e a importância de respeitar e preservar essas tradições.

Portanto, a abordagem de estudos que foi discutida nesse trabalho destaca a importância de entender a necessidade de respeitar a identidade e diversidade desses povos. Essa obra retrata a luta desses povos por sua terra, além de mostrar o sofrimento e a devastação do povo Yanomami após o massacre. A diversidade dos povos contidos numa mesma comunidade traz a importância do respeito por seu povo e a necessidade de saber cuidar e valorizá-los como um só povo.

É necessário ressaltar que a obra exerce um papel importante na visibilidade do povo Yanomami, da história viva e que existe a necessidade de falar sobre a importância de conscientizar as pessoas sobre o cuidado com a natureza e com o mundo, para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Dessa forma, acredita-se que este trabalho é relevante para que outros estudiosos da área, bem como leigos sobre o conteúdo, possam disseminar a literatura indígena e propagar a diversidade cultural desses grupos, contribuindo para a redução do preconceito e discriminação por meio da reflexão literária. Uma vez que, o aprendizado sobre os povos originários enriquecerá o vocabulário nativo e trará o conhecimento de riquezas históricas que o Brasil tem, além de elencar a possibilidade que a literatura dá aos seus leitores de saber mais sobre coisas esquecidas ou pouco conhecidas.

---

<sup>7</sup> Casas comunitárias circulares indígenas.

## REFERÊNCIAS

- BARAZAL, Neusa Romero. **Yanomami: Um Povo em Luta pelos Direitos Humanos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- BASTA, Paulo Cesar. **Garimpo de ouro na Amazônia: a origem da crise sanitária Yanomami**. Espaço temático: Amazônia, cadernos de saúde pública, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/JDwXXTYwsWLctRkBV4vghXR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 de maio de 2024.
- BRASIL. **Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 2008. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/111645.htm). Acesso em 21 de maio de 2024.
- CIRINO, Carlos Alberto Marinho. **Criminalização de práticas culturais indígenas: um caso Yanomami**. Berlin, 2018.
- DAFLON, Inês, DAFLON, Maria Lucia. **Órfãos de Haximu**. Ilustração João Caré. São Paulo: FTD, 2010.
- FERNANDES, Florestan. **Organização Social dos Tupinambá**. Difusão Europeia do Livro. 2º ed. revista e ampliada, São Paulo, 1963.
- GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil** / Graça Graúna. - Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.
- GUIMARÃES, Mauro. MEDEIROS, Heitor Queiroz de. **Outras epistemologias em educação ambiental: o que aprender com os saberes tradicionais dos povos indígenas**. Ed. Especial - Rio Grande, 2016. Disponível em <https://periodicos.furg.br/remea/article/download/5959/3682>. Acesso em 21 de maio de 2024.
- HALL, Stuart. *In: A identidade Cultural na Pós Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LIRA, Marcia Josanne de Oliveira. **Escola, cultura e identidade Yanomami: conhecimentos Yanomami em materiais didáticos**. Manaus, 2018. Disponível em: [https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/6876/8/Tese\\_M%c3%a1rcia%20Josane\\_PPGE.pdf](https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/6876/8/Tese_M%c3%a1rcia%20Josane_PPGE.pdf). Acesso em 22 de maio de 2024.
- MUNDURUKU, Daniel. Título da matéria. **Coisas de índio** Versão infantil, Biblion. Disponível em: <https://biblion.odilo.us/info/coisas-de-indioversao-infantil-00610231>. Acesso em 20 de maio de 2024.
- POTIGUARA, Eliana. **Metade cara, metade máscara**. Rio de Janeiro, RJ. 3. ed. revisada. Grumin, 2019.
- Pibsocioambiental. **Povos Indígenas no Brasil: Povo Bakairi**. Disponível em : <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Bakairi>. Acesso em 20 de abril de 2024.

Pibsocioambiental. **Povos Indígenas no Brasil: Povo Kaiowá**. Disponível em : [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani\\_Kaiow%C3%A1](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_Kaiow%C3%A1). Acesso em 20 de abril de 2024.

Pibsocioambiental. **Povos Indígenas no Brasil: Povo Yanomami**. Disponível em : <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yanomami> . Acesso em 20 de abril de 2024.

AGRO É FOGO. **Povo Krahô - Kanela luta por território e sofre os impactos da destruição da natureza**, 2022. Disponível em <https://agroefogo.org.br/blog/2022/10/04/povo-kraho-kanela-luta-por-territorio-e-sofre-os-impactos-da-destruicao-da-natureza> . Acesso em: 20 de maio de 2024.

SILVA, Maria Vieira da. **Reterritorialização e identidade do povo Omágua - Kambeba na aldeia Tururucari - Uka**, 175 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, 2012.